

Angústia do ser e angústia de ser: conceitos psicanalíticos de angústia iluminados por Heidegger

Anxiety of being and anxiety to be: psychoanalytic concepts of anxiety in the light of Heidegger

Eder Soares Santos
Universidade Estadual de Londrina
E-mail: edersan@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem por intenção mostrar que o conceito de angústia da psicanálise de Freud consegue avançar apenas na investigação de uma angústia do ser, ou seja, trata da angústia do homem enquanto um ente do mundo. Em contrapartida, procuraremos mostrar que o estudo das angústias impensáveis por parte de Winnicott se preocupa com a questão de como o homem chega a ser um ente no mundo. O resultado da distinção paradigmática entre as duas teorias psicanalíticas para a angústia pode ser iluminada quando se toma como apoio a fenomenologia existencial de Martin Heidegger.

Palavras-chaves: Angústia, castração, fenomenologia existencial, Winnicott

Abstract: This article is intended to show that the concept of anxiety by Freud's psychoanalysis can only be developed in the investigation of an anxiety of being, i.e., it deals with the anxiety of man as a being in the world. In contrast, we aim to demonstrate that the study of unthinkable anxiety by Winnicott is concerned with the question of how man comes to be a being in the world. The result of the pragmatic distinction between the two psychoanalytic theories of anxiety may be elucidated by taking Martin Heidegger's existential phenomenology as a support.

Keywords: Anxiety, castration, existential phenomenology, Winnicott

1. Angústia de castração

O perigo de castração impõe ao ego, no caso das fobias a animais, que ele se oponha aos investimentos de objeto libidinal que provém do id. No caso de uma neurose, sabemos que o ego está, antes de qualquer coisa, defendendo-se contra as exigências libidinais do id. É preciso ter em mente, então, que a repressão é “um processo que possui uma relação especial com a organização genital da libido e que o ego recorre a outros métodos de defesa quando é obrigado a proteger-se contra a libido em outros níveis de organização” (Freud, 1918/1987, vol. XII, p. 155).

Sempre que se está na iminência do perigo de ser castrado, o ego dá um sinal de angústia, um sinal de desprazer, a fim de impedir que algum investimento do id se realize. Logo depois, essa angústia, no caso das fobias, é dirigida a algum objeto diferente e é distorcida, o que oferece a vantagem de evitar o conflito de ambivalência e permitir ao ego gerar a angústia somente na situação em que o objeto temido se apresenta. No entanto, o próprio Freud se dá conta de que esse seu ponto de vista não atinge a profundidade da questão, pois uma pulsão só oferece perigo na medida em que o perigo externo se traduz como temor de ser castrado.

Essa minha afirmação não foi incorreta, mas não penetrou a superfície das coisas, pois uma exigência pulsional [*Triebanspruch*] não é, afinal de contas, perigosa em si; somente vem a ser assim, visto que acarreta um perigo externo real, o perigo de castração. (Freud, 1918/1987, vol. XII, p. 152)

Por consequência, uma segunda possibilidade para a angústia pode ser apontada: a de que ela não é apenas a emissão de um sinal de desprazer, mas pode também ser revivida a partir de certas condições pré-dadas, ou seja, o ego está preparado para esperar a castração, tendo aprendido isso por meio de perdas repetitivas de objeto, o que faz voltar à tona o problema da angústia como reação a uma perda ou separação.

Assim, para uma problematização da castração, duas abordagens se fazem possíveis: a primeira é a castração do lado da lei – ou seja, a castração concebida como sanção de certa lei – e a segunda é a castração, ela mesma, a lei (cc. Laplanche, 1980).

De imediato, a pergunta que se faz é esta: o que é a angústia de castração? À primeira vista, a resposta é simples: é a angústia advinda de uma ameaça terrível, que é o perigo de castração. No entanto, na maioria das vezes, essa angústia está sujeita a diversas modificações que a tornam irreconhecível, de forma a não ser mais tão clara essa intencionalidade. O afeto (angústia) aparece deslocado da sua representação mais diretamente ligada (a castração), dando a impressão, em um primeiro momento, de que esses deslocamentos estão livres de uma ligação com um objeto, parecendo ser um medo sem objeto. Por esse motivo, “a interpretação psicanalítica da angústia teria como via essencial reencontrar a castração por trás de seus disfarces, seus substitutos, seus equivalentes” (Laplanche, 1980, p. 19).

O caso clínico do Pequeno Hans é central e inaugural para a questão do complexo de castração. Nessa época, Freud ainda considerava a angústia como uma tensão sexual acumulada que não encontrou uma descarga apropriada, não considerando, portanto, a angústia como medo diante da possibilidade da castração. Dessa forma, segundo Laplanche, essa teoria de castração se estruturaria em quatro momentos diferentes e sucessivos de sua constituição, a saber:

[...] primeiro ponto, a distinção dos gêneros, admitida a partir do momento em que a criança entrou no mundo adulto – portanto desde as origens ou, em todo caso, e ainda mais, desde o momento em que ela teve acesso a um universo simbólico e em particular à nomenclatura de gênero –, tornando-se diferença de sexos. Segundo ponto, esta diferença de sexos se especifica pela presença-ausência do pênis. O terceiro ponto seria que esta diferença de sexos se explica pela ação de castração, uma castração realizada por um terceiro. Enfim, quarto ponto: em casos favoráveis, esta castração, esta possibilidade de castração, abre a via para um processo de restituição, senão, pelo menos, para uma promessa de mudança. (Laplanche, 1980, p. 43)

A ameaça de castração, outro componente relativo à castração, é proferida por alguém, algum adulto, que estaria em convívio com a criança que, nas análises de Freud, durante muito tempo, sempre foi um menino. Já a ameaça, segundo Freud, seria proferida na grande maioria das vezes pelas mulheres, seja por motivos filogenéticos, seja porque “*empiriquement, c'est donc généralement les femmes*” (Laplanche, 1980, p. 67). Essa ameaça vem reforçada pela autoridade do homem, do pai, que é a quem as mulheres recorrem para fazer valer suas ameaças. É o homem, apesar de a ameaça ser proferida pelas mulheres, que é o executor da pena, isto é, da castração.

De modo resumido e direto pode-se afirmar que angústia e o complexo de castração estão intimamente interligados. Na verdade, o melhor seria dizer que não existe angústia sem que haja complexo de castração. Da mesma forma, não há complexo de castração que não pressuponha a angústia.

2. Angústias impensáveis

Na teoria winnicottiana, observamos uma pessoa humana desenvolvendo-se

emocionalmente de acordo com o ambiente que lhe é proporcionado, pois, como afirma Dias, “embora inata, a tendência não vai de si, como se bastasse a mera passagem do tempo. Trata-se de uma tendência e não de uma determinação” (Dias, 1999, p. 286), tendência esta em direção ao crescimento e à evolução pessoal. Há de se reconhecer que, antes de atingir uma “posição depressiva” ou de se querer “romper impiedosamente a mãe para tirar dela tudo o que o lactente sente ser bom”, existe a formação do interesse e de uma preocupação, ambos constituídos pela devoção da mãe, o que possibilita ao lactente a formação de uma unidade integral. Isso poderia ser traduzido pelo termo “confiabilidade” (*reliability*):

Em Winnicott, mais do que uma qualidade desejável em qualquer relação humana, a confiabilidade é a característica central do ambiente facilitador, materno e terapêutico, e está intimamente ligada à dependência, cujo protótipo é, por excelência, o estado de dependência absoluta do bebê com relação à mãe nos estágios iniciais da vida. (Dias, 1999, p. 286)

Em seus estudos psicanalíticos, Winnicott refere-se com muita frequência aos lactentes. Não porque ele tenha sido também um pediatra competente, lidando com crianças a maior parte de sua vida – obviamente, isso facilitou muito o seu trabalho –, mas porque teve a percepção clara de que os problemas psíquicos se encontravam em alguma falha do início do amadurecimento humano, isto é, da confiabilidade ambiental. No caso da ocorrência de falha, implicações sérias à constituição da identidade e do sentido de realidade, do si-mesmo e do mundo podem ocorrer, acarretando dificuldades para o ser humano que está surgindo, dificuldades essas com relação ao seu sentido de ser, de ser real e de poder habitar em um mundo real.

Para poder entender o que é e como surgem as angústias impensáveis, é preciso compreender o que Winnicott entende por desenvolvimento satisfatório ou normalidade.

Nesse contexto, o ambiente e o cuidado materno são de suma importância, pois o cuidado materno e o lactente, no início, pertencem um ao outro, não podendo ser separados; por sua vez, o ambiente, conforme as condições sejam favoráveis ou desfavoráveis, determina o modo de *ser* do lactente.

Há algo entre esses dois elementos que, em Winnicott, poderíamos denominar

tendência inata ao amadurecimento e à integração. Isso remete a três conquistas do bebê que são facilitadas por cuidados maternos específicos: 1) “a sua temporalização e espacialização que deve se dar inicialmente num tempo e num espaço subjetivos” que consiste no cuidado materno ao segurar (*holding*); 2) “o alojamento da psique no corpo, facilitado pelo manejo” (*handling*) e 3) “o início da relação objetal” que corresponde à apresentação de objetos (*object presenting*) por parte da mãe e “que culminará, mais tarde, na criação e no reconhecimento da existência de objetos externos” (Winnicott, 1965n[1962]/1996, pp. 59-60).

O *holding* é de vital importância para a compreensão da teoria de angústia em Winnicott. *Holding* significa não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total. Ele possibilita ao ego transformar-se em uma integração estruturada, tirando-o de um estado anterior que era de não integração. Nessa fase, a angústia está associada a um sentimento de desintegração, pois já existe alguma integração. A importância recai sobre o cuidado que o ser recebe em seu início. Se o cuidado provido fracassa, cede-se lugar à desintegração, que assume as feições de uma ameaça, já que ela perturba o desenvolvimento saudável da pessoa que está surgindo.

É possível detectar a desintegração que ocorre como defesa organizada contra o tremendo sofrimento [*pain*] das várias angústias associadas ao estado plenamente integrado. A desintegração desse tipo pode ser utilizada mais tarde como base para um estado patológico caótico que, na verdade, representa um fenômeno secundário e que não está diretamente relacionado ao caos primário do indivíduo. (Winnicott, 1958d[1952]/1988, p. 117)

Chega-se, então, por meio de uma integração estruturada, ao “estado unitário”. Esse estado é a descrição de um ser em seu início na forma de uma pessoa com uma individualidade própria. Associa-se a esse momento a chegada desse ser a uma existência psicossomática, ou seja, a inserção da psique no soma. Essa existência psicossomática dá margem não só às experiências funcionais motoras e sensoriais, possibilitando o início da compreensão de se ser uma pessoa, mas proporciona ainda o desenvolvimento da membrana limitante, “que até certo ponto (normalmente) é equacionada com a superfície da pele e tem uma posição entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’ do lactente. De modo que o lactente vem a ter um interior e um exterior e um esquema

corporal” (Winnicott, 1960c/1996, p. 45).

Estado unitário ou pessoa total é o que poderíamos chamar de si mesmo, *self*, verdadeiro ou central. *Self* verdadeiro, segundo Winnicott, representa a experiência da continuidade do existir, na medida em que, a seu modo, o lactente adquire uma realidade psíquica e um esquema corporal pessoais. As angústias impensáveis surgem justamente por perturbações excessivas ao estado de equilíbrio deste *self* que está se constituindo, perturbações estas que ocorrem por ter havido alguma falha no cuidado que deve prover as necessidades iniciais de ser.

Ora, nesses casos, a melhor defesa que o ser em seu início pode usar é a organização de um falso *self*. O falso *self* pode ser identificado em diferentes níveis de organização, que vão de uma situação extrema, em que ele se “implanta como real e é isso que os observadores tendem a pensar que é a pessoa real” (Winnicott, 1960c/1996, p. 142), até a aparente normalidade, em que “o falso *self* é representado pela organização integral da atividade social polida e amável” (Winnicott, 1960c/1996, p. 143).

Estamos nos referindo, aqui, ao estágio inicial em que a organização do falso *self* procura defender o *self* verdadeiro. O *self* verdadeiro “começa a ter vida, por meio da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactente.” (Winnicott, 1960c/1996, p. 145). Trata-se de questões referentes ao início da vida do lactente. Por isso, nessa fase inicial, se a mãe não consegue se adaptar suficientemente bem às necessidades do bebê, então falhas podem surgir e provocar interrupção do continuar-a-ser desse bebê. Por esse motivo, o lactente, e não só ele, mas todo o indivíduo sujeito às angústias impensáveis, procura um meio de se tornar invulnerável às ocorrências de angústias impensáveis; dessa forma, ao mesmo tempo em que ele oculta o *self* central, ele também o protege. Porém, protegê-lo de quê? Da *loucura* original. Sobre ela, explica Dias: “foi o fragmento de segundo em que, quando bebê, ele [o indivíduo] perdeu momentaneamente o ‘ser’ em função de uma reação à falha ambiental. Sofreu uma *agonia impensável* e, imediatamente após, houve uma organização de defesas” (Dias, 1999, p. 289).

Duas alternativas se apresentam ao lactente: a de *ser* e a do aniquilamento. Nos casos de angústias impensáveis, o indivíduo para *ser* é obrigado a reagir; no entanto, ao

reagir, interrompe o continuar-a-ser e o aniquila.

3. Angústia iluminada pela fenomenologia existencial

Do ponto de vista ontológico, o temor, segundo Heidegger, está relacionado com um ente que vem de encontro dentro do mundo, seja esse ente manual, simplesmente dado ou uma copresença. Mais do que temer algo, alguma coisa ou alguém, o que se teme, na verdade, é a ameaça. O ameaçar possui o caráter do aproximar-se, que vem de encontro em uma região, trazendo consigo o dano. O danoso se aproxima sem poder ser dominado, podendo, em sua ameaça, chegar ou não a se realizar.

A temeridade que constitui o temer abre o mundo para que o que é temível possa se aproximar. Assim, o que se teme já é descoberto previamente pelo temer.

No entanto, esse temor é temor pelo quê? É temor pelo próprio ser-o-aí (*Dasein*). Pois, sendo, já está em jogo o meu próprio ser. O ser-o-aí (*Dasein*) como ser-no-mundo apresenta-se, impropriamente, como ser de ocupações junto a e, por isso, a ameaça trazida pelo temor vai de encontro ao abandono de si mesmo.

O próprio ente que teme, o ser-o-aí (*Dasein*), é aquilo pelo que o temor teme. Apenas o ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser, pode temer. [...] De início e na maior parte das vezes, o ser-o-aí (*Dasein*) é a partir do que se ocupa. Estar em perigo é a ameaça do ser e estar junto a. (Heidegger, 1977, p. 188)

O temor é um modo da disposição. Onticamente, a disposição na cotidianidade mediana é conhecida por humor (*Stimmung*) que “designa o estado e a integração dos diversos modos de sentir-se, relacionar-se e de todos os sentimentos, emoções e afetos bem como das limitações e obstáculos que acompanham essa integração”¹ (Heidegger, 1977, p. 188). Em suma, a disposição revela “como se está”. A disposição abre para o ser-o-aí (*Dasein*) o seu estar-lançado no mundo. Dessa forma, o ser-o-aí (*Dasein*),

¹ O termo *Stimmung* é de difícil tradução para o português. Outra possibilidade de tradução, sugerida por Casanova (2006), é “tonalidade afetiva”. Para o momento, manteremos a opção corriqueira.

como ente intramundano, pode ser ameaçador e como ser-em, estar ameaçado. O que significa dizer que, como ser-no-mundo o temor coloca em perigo a presença do meu ser-o-aí (*Dasein*), ao mesmo tempo em que é possível que o ser-o-aí (*Dasein*) dos outros entes possa ser ameaçado pela minha presença.

Passando agora para a análise da angústia em Heidegger, deve-se entender, primeiramente, que decadência (*Verfallen*) é um modo fundamental de ser da cotidianidade, mas que nem por isso ela deve ser compreendida de forma negativa. A decadência indica que o ser-o-aí (*Dasein*) está junto ao “mundo” das ocupações. Isso quer dizer que o ser-o-aí (*Dasein*), como ser-no-mundo, decaiu em um “mundo” que é conduzido pelo falatório, pela curiosidade e pela ambiguidade, ou seja, o ser-o-aí (*Dasein*) decaiu nos modos de ser cotidianos do discurs, assegurados em seu convívio com os outros e com as coisas, pelo modo de ser do impessoal das pessoas.

O ser-o-aí (*Dasein*) em seu modo de decadência se perde no impessoal, foge de si mesmo (isto é, foge do seu poder-ser mais próprio), desvia-se da questão do ser e se lança para fora do si mesmo nos variados modos de ocupação intramundanos. O ser-o-aí (*Dasein*) foge de si mesmo, pois já está aberto para ele, enquanto ser-no-mundo, o fato de o ser-o-aí (*Dasein*) já se colocar sempre diante de si mesmo: “*É justamente daquilo de que foge que o ser-o-aí (Dasein) corre ‘atrás’*” (Heidegger, 1977, p. 245).

A palavra “fuga” assume dois sentidos diferentes quando relacionada ao temor ou à decadência. Quando a fuga está relacionada ao temor, ela denota o retirar-se, o desviar-se daquilo que desencadeia o temor, ou seja, do que é ameaçador. Na decadência, “fuga” significa fuga de si mesmo pelo fato de o ser-o-aí (*Dasein*) decair no impessoal e no “mundo” das ocupações. Nesse sentido, o retirar-se, o desvio, não diz respeito ao que vem ao encontro como ente intramundano. Esse modo da fuga baseia-se em uma situação prévia, anterior ao próprio temor pelo ser-o-aí (*Dasein*): “*O desvio da decadência [Verfallen] se funda na angústia [Angst] que, por sua vez, torna possível o temor*” (Heidegger, 1977, p. 247).

Desse modo, já se sabe que aquilo com o que a angústia se angustia não é do mesmo gênero daquilo que o temor teme. O “com quê” da angústia não tem relação com o ente intramundano. Em verdade, “o com quê da angústia é indeterminado (*unbestimmt*)” (Heidegger, 1977, p. 247).

Esse caráter indeterminado da angústia coloca o disponível-à-mão e o ser simplesmente dado em uma posição irrelevante. “Nada do que é simplesmente dado [vorhanden] ou que se acha à mão [zuhanden] no interior do mundo serve para a angústia com ele angustiar-se” (Heidegger, 1977, p. 247).

O que serve, então? Para responder à questão, devemos notar que o que é ameaçador na angústia não se encontra em lugar algum. “*Ela não sabe o que é aquilo com que se angustia.*” (Heidegger, 1977, p. 248). O que ameaça não tem um modo de aproximação determinado; a ameaça está sempre presente e, ao mesmo tempo, não está em lugar algum. Na angústia originária,

[...] o ameaçador dispõe da possibilidade de não se aproximar a partir de uma direção determinada, situada na proximidade, e isso porque ele já está sempre ‘presente’ (*da*), embora em lugar algum. Está tão próximo que sufoca a respiração, e, no entanto, em lugar algum [...]. (Heidegger, 1977, p. 248).

Em consequência, pode-se dizer que: “*Aquilo com que a angústia se angustia é o ‘nada’ que não se revela ‘em parte alguma’*”. Portanto, “*a angústia se angustia com o próprio ser-no-mundo*” (Heidegger, 1977, p. 248).

A partir dessa breve exposição, podemos arriscar traçar algumas relações. Quanto ao seu significado, acreditamos que a angústia de castração de Freud representa, onticamente, o sentido que o termo “temor” possui quando analisado existencialmente. Freud, ele mesmo, várias vezes usa um termo pelo outro (cf. Hanns, 1996, pp. 62-69), isto é, por vezes usa a palavra alemã *Furcht* em lugar de *Angst* e vice-versa. Heidegger reconhece nessas duas palavras certo parentesco fenomenal e, acerca disso, comenta:

O indício de parentesco é o fato de ambos os fenômenos permanecerem, na maior parte das vezes, inseparáveis um do outro e isso a tal ponto que se chama de angústia o que é temor e se fala de temor quando o fenômeno possui o caráter de angústia. (Heidegger, 1977, p. 246)

A angústia de castração, assim como o temor, é constituída pelo caráter da ameaça do que vem ao encontro do ente intramundano. Em Freud, é a ameaça de

castração que é o temível, isto é, aquilo pelo que se teme, e não a castração propriamente dita. Já em Heidegger, o que se teme é a ameaça ao ente intramundano que pode possuir o modo de ser do manual, do ser simplesmente dado ou ainda de uma copresença. Heidegger afirma que “o próprio ente que teme, o ser-o-aí (*Dasein*), é aquilo *pelo que* o temor teme. Apenas o ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser, pode temer” (Heidegger, 1977, p. 188). Nesse sentido, a angústia de castração pode ser entendida como um fenômeno ôntico-existencial que denuncia o modo de ser impróprio do ser-no-mundo, expresso pelo temor no ser-o-aí (*Dasein*).

As angústias impensáveis e a angústia tal como entendida por Heidegger apontam para outra concepção do ser. Em ambas, o que caracteriza a angústia é o fato de aquilo que é ameaçador não se encontrar em lugar algum e de essa ameaça vir de todas as direções e de direção nenhuma. Na angústia originária, está em jogo a questão do sentido do ser; em Winnicott, está em questão o chegar-a-ser.

Pode-se notar que o conceito de angústia em Heidegger *não é* a tradução do conceito de angústia em Winnicott, mas podemos observar que há uma correlação de sentido entre eles. A diferenciação está em que, para Heidegger, a angústia é uma disposição privilegiada que abre para o ser do ser-o-aí (*Dasein*) a sua possibilidade de ser mais própria, isto é, abre o seu poder-ser-no-mundo próprio e finito como a sua possibilidade mais originária e fundamental. A angústia é então analisada sob a perspectiva da ontologia fundamental.

No caso de Winnicott, a angústia está associada a uma falha no cuidado que deveria ter sido provido a um ser que está surgindo, tendo como resultado a possibilidade de seu aniquilamento, não querendo isso dizer que esse ser se perde e se desvia nos modos impróprios de ser, no esquecimento do ser dos diferentes modos de ocupação. Aniquilamento aqui quer dizer que esse ser em seu início pode nunca chegar a ser, ou seja, que o seu sentido de ser foi perdido, que a sua continuidade-de-ser foi quebrada. Assim, diríamos que essa análise é ôntico-existencial.

Embora a análise do conceito de angústia se dê em níveis diferentes de interpretação, isto é, há uma interpretação ontológica e uma ôntica, trata-se, em última instância, da análise de um mesmo fenômeno: a angústia. Por um lado, a interpretação ontológica nos revela a angústia como possibilitadora da compreensão do sentido do

ser, ou seja, ela abre para o ente o modo mais originário de existir durante sua existência. Por outro lado, a interpretação ôntica nos remete ao fenômeno da angústia que pode acometer o ser de cada um, isto é, ela remete à angústia fatural, está relacionada aos vários modos de ser da existência humana, como a angústia de castração, angústia pela perda de alguém ou alguma coisa, angústia diante do envelhecimento, entre outras. Nota-se, portanto, que em ambos os tipos de análise o fenômeno que está presente é sempre o da angústia. Todavia, a compreensão da análise ontológica da angústia é essencial para o entendimento desse mesmo fenômeno na interpretação ôntica.

4. Conclusão

A análise heideggeriana da angústia originária permitiu-nos observar que a questão do sentido do ser encontra-se já presente desde o início do acontecer humano, isto é, desde quando se é um bebê. Observamos que a angústia mais primordial a que um bebê pode estar sujeito é aquela que Winnicott denominou angústia impensável. Essa angústia se revelou como um conceito de importância capital, pois, paralela à angústia originária da fenomenologia heideggeriana, é a que melhor descreve, no nível ôntico, na facticidade da existência humana, o caráter precário e finito da existência. Assim como a angústia originária que impõe a questão da propriedade do ser do ser-o-aí, a angústia impensável abre para o ser que está surgindo a questão do seu continuar-a-ser em direção a uma unidade integral, ou o fragmentar-se, ou pior, aniquilar-se, permanecendo sempre como um não-ser.

Isso nos permite observar que a angústia de castração só pode existir diante do pressuposto de que anteriormente já se colocou para o homem a questão da continuidade-de-ser, que, em sua origem, remete à possibilidade de uma angústia mais primordial: a angústia impensável. Essa, por sua vez, remete-nos, em uma interpretação ontológica, à angústia originária e fundamental do ser-o-aí (*Dasein*) que lhe abre como ser-no-mundo a sua possibilidade da impossibilidade de não mais ser-o-aí (*Dasein*), ou seja, a morte, o não-ser.

Referências

- Dias, E. O. (1999). Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica. *Revista Natureza Humana*, 1(2).
- Freud, S. (1987). Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In S. Freud, *Gesamte Werke* (v. XII). Frankfurt: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1918)
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Heidegger, M. (2006). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão* (Marco Antonio Casanova, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Heidegger, M. (1977) *Sein und Zeit*, Gesamtausgabe (v. 2). Frankfurt: Vittorio Klostermann.
- Laplanche, J. (1980). *Problématiques II: Castration – Symbolisations*. Paris: PUF.
- Winnicott, D. W. (1988). Ansiedade associada à insegurança. In D. Winnicott (1988/1958a), *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1958d[1952])
- Winnicott, D. W. (1988). *Human Nature*. New York: Brunner/Mazel.
- Winnicott, D. W. (1996). The Theory of the Parent-Infant Relationship. In D. Winnicott (1996/1965b), *The Maturation Process and the Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development*. Madison: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1960c)
- Winnicott, D. W. (1996). Ego Integration in Child Development. In D. Winnicott (1996/1965b), *The Maturation Process and the Facilitating Environment: studies in the theory of emotional development*. Madison: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1965n[1962])

Recebido em: 02/09/12.

Aprovado em: 14/12/12.